

Flam. Brasil

05 JAN 1990

Um olho na inflação e o outro nas eleições gerais

0661 NVC 5 0
GAZETA MERCANTIL

Gilmar Carneiro

A maioria dos eleitores que não votou em Lula votou em Collor por que preferia ficar como estava a viver uma "incerteza". No setor patronal tivemos uma boa parcela que votou em Lula no segundo turno. O curioso foi que, apesar de o medo à mudança ter ganho a eleição, a incerteza conjuntural continua mesmo com a vitória conservadora.



Pensando em evitar desgaste eleitoral, Collor e sua equipe não aceitam a ideia da antecipação da posse nem a co-responsabilidade na administração da economia. O País está à deriva. Só que o Brasil não é a Argentina e as consequências podem ser imprevisíveis.

Precisamos imediatamente conter a escalada inflacionária. Os analistas conservadores defendem medidas drásticas recessivas. Poderemos ter desemprego e arrocho salarial. Os conservadores bancaram Collor. Só que em outubro teremos eleições tão importantes ou mais importantes que as eleições presidenciais. O povo estará mudando todos os governadores, renovando todas as assembleias legislativas, a Câmara Federal e parte do Senado. Tanto o Congresso Nacional quanto os governadores constituem a base real de qualquer governo federal. E, se a oposição for maioria no Congresso, o presidente terá seu poder significativamente reduzido, podendo amargar inclusive o parlamentarismo à brasileira.

Todos os setores conservadores sentiram que nunca na nossa história eles estiveram tão ameaçados de perder o controle do poder como nestas eleições. Um novo fracasso, e nas próximas eleições o PT e seus aliados poderão assumir a direção política e econômica do País. A conjuntura não estimula novos golpes militares nem a convocação dos militares americanos. As dificuldades das prefeituras petistas não foram suficientes para impedir o avanço eleitoral do PT e do Movimento Lula Presidente.

As soluções, portanto, passam necessariamente pela melhoria das condições de vida dos 70% da população que estão aquém do nível básico de vida. Os ricos sozinhos não ganham eleições e os pobres já não permitem ver suas expectativas frustradas e ao mesmo tempo ficar passivos.

Como Collor vai governar para "dois senhores"? Os ricos, que deram sustentação financeira e política, de um lado, exigindo recessão e os pobres querendo investimentos básicos como habitação, transporte, alimentação, educação, saúde, emprego e salário?

Será que os ricos vão fazer sacrifícios, aceitando medidas econômicas que diminuam suas margens

de lucro em nome das eleições gerais? Vai aparecer um novo Funaro para salvar a pátria? E se o povo for mais exigente?

Mesmo considerando que os ricos resolvam fazer sacrifícios até as eleições de outubro. E se a oposição melhorar sua imagem, for competente e, apesar do sacrifício dos ricos, ganhar as eleições?

O impossível acontece, e não duvidem que o PT consiga melhorar sua imagem desenvolvendo projetos de incorporação da classe média nas suas propostas e prática, revendo sua posição em relação ao parlamentarismo e criando mais condições de composições e alianças tanto para o primeiro quanto para o segundo turnos das eleições.

Tudo indica que o PT chegou à maioria. Está evidente que, além de pensar em fazer bancadas, o PT deve preparar-se diariamente, com o que faz, fala e escreve, para ser poder estadual e federal num futuro próximo.

Se o PT deve preparar-se para ser oposição a Collor e para criar as condições para, mesmo com os sacrifícios dos ricos, conseguir em conjunto com a esquerda ser maioria, a CUT também deve preparar-se mais ainda para defender os trabalhadores do campo e da cidade, principalmente em relação aos salários e empregos.

Saber mobilizar, negociar, esclarecer e organizar serão requisitos imprescindíveis para a CUT neste primeiro período do governo Collor. Devemos estimular as negociações diretas, os acordos por empresas, a constituição de comissões de empresas, os contratos coletivos de trabalho e a superação da relação paternalista do Estado.

O primeiro passo para isso é a luta imediata de combate à hiperinflação. Precisamos ir além da visão trabalhista em que o salário corre atrás da inflação e devemos desenhejar uma campanha nacional contra a inflação, a recessão e o arrocho salarial, na qual devemos agregar todos os setores da sociedade civil que defendem o crescimento econômico e a recuperação dos níveis salariais para toda a população. Além do movimento sindical, devemos ter a participação do movimento popular, dos estudantes, das donas-de-casa, dos pequenos proprietários, dos trabalhadores rurais, dos aposentados e pensionistas, dos profissionais liberais e também buscar apoio dos meios de comunicação.

Precisamos consolidar a democracia, mas também precisamos garantir as mínimas condições de vida para toda a população, caso contrário a própria democracia estará ameaçada. A democracia é um princípio estratégico e não uma conveniência como vimos nas últimas eleições.

Gilmar Carneiro é secretário-geral da CUT e presidente do Sindicato dos Bancários SP.